

O que Pode um Corpo Audiovisual? ¹

Evandro Rhoden- Universidade do Vale do Rio dos Sinos- UNISINOS ²
Lisete Bertotto- Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS ³

Resumo

A investigação, inscrita no campo das ciências da comunicação, problematiza as categorias fértil/infértil, hibridismo e rizoma nas suas relações com o audiovisual. Analisa dados de realidade da produção de audiovisuais, trazendo dados de realidades, de revistas atualizadas. Alicerçada teoricamente pelas teorias pós-estruturalistas de autores como Deleuze e Foucault, os autores se aventuram na produção das audiovisualidades no contemporâneo e na Internet.

Palavras-chaves:

Hibridismo; fertilidade/infertilidade; rizoma; produção e recepção das mídias audiovisuais; Internet.

“Fellini dizia recentemente que somos ao mesmo tempo a infância, a velhice, a maturidade: é totalmente Bergsoniano. Em “Matéria e Memória” há portanto as núpcias de um puro espiritualismo com um materialismo radical.” (Deleuze 1992 ,p.64.)

As notícias sobre a web são inquietantes, vamos fazer uma abordagem nessas novidades. A revista “Época”, de maio de 2006, abordou um assunto que pareceu bastante intrigante para o conteúdo de um artigo. A reportagem intitulada: “Já viu esses filmes? Só na web”, discorre sobre um site estadunidense, produzido artesanalmente por dois jovens em uma garagem , hoje considerado um fenômeno, que foi capaz de ensinar as TVs e o Google a lidar com vídeos na internet. Um enfoque, que pôde ser amplamente questionado, mas, em contrapartida, o artigo traz alguns dados preciosos para nossa análise. Vejamos os dados: quando a revista apresenta o percentual de 69% de jovens norte-americanos que assistem a vídeos na Internet e 57% deste que criam algum tipo de conteúdo para exibição na rede. Temos, aí, um dado concreto de bastante relevância para analisarmos alguns

¹ Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa de Comunicação Audiovisual, do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Evandro Rhoden, Mestrando em Comunicação, orientando da Dra. Suzana Kilpp do Grupo de Pesquisa em Audiovisualidades da Universidade do Vale do Rio dos Sinos- UNISINOS. Graduado em Comunicação Social Cinema e Vídeo.

³ Lisete Bertotto, Mestre em Educação. Especialista em Sociologia da Educação. Graduada em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS

conceitos básicos que podem nos ajudar a entender os códigos sobre as máquinas e as operações que com elas podemos fazer. Uma pesquisa de mesmo teor aqui no Brasil, resultaria em números e resultados bem diferentes.

Em outra estatística, porém, somos participantes junto com outros povos, por dia 40 milhões de vídeos são assistidos e 35 mil vídeos surgem somente nesse site. São diferentes as formas de lidar com o vídeo na Internet. Para ocupar seu espaço, empresas de diferentes perfis e filosofias tentam se antecipar às inevitáveis mudanças, atualizando, antes das grandes corporações, virtualidades audiovisuais pela rede, dessa ou daquela maneira. Vivemos momentos de discrepância. No mundo financeiro, os negócios andam rápidos e geram altos lucros; no plano humano antropológico-filosófico, as investigações e as análises, de como se comportam, no momento contemporâneo, os hábitos e costumes de manejos dos produtos estão somente em estágio embrionário.

Um olhar sobre as linguagens e narrativas possíveis desvelam possibilidades de combinações de audiovisuais, pontas de icebergs, que possivelmente serão sem conta, inúmeras, e férteis entre si.

“ A escravização ao autor, a submissão ao texto, que barco fúnebre! Mas cada texto tem possibilidades infinitas. O espírito e não a letra do texto! Mas um texto que exige mais do que análise e penetração.”(Artaud, 2004, p.25)

Um começo para a especulação nesse sentido, é a escolha das inúmeras possibilidades de acesso à reflexão que já se apresentam hoje. Algumas fontes seguras, como o cinema e a televisão, atuam e promovem nesse cenário novidadeiro, a representação de novas embalagens e supostos novos produtos dentro de seus gêneros. Mestiçagens e tensões entre mídias e gêneros podem produzir frutos e resultados capazes de alterar nossa reflexão do tempo presente. Hibridismo, dentro dessas concepções, de mídias e gêneros, parece, ou de fato é fruto fértil?

Um bom desafio é trazer para refletir o hibridismo, que é uma composição de duas figuras, utilizadas para formarem uma nova, a partir da parceria; Michael Foucault e Deleuze.

“Um vulcão assolando o outro, Foucault viveu as diferenças, Deleuze teorizou sobre ela, este maremoto

Dele-Foucaultiano só poderia mesmo rachar as palavras. E é por essas rachaduras que começo a construção do meu solo teórico.”(BERTOTTO, 2003. p.16)

Autores do pós-estruturalismo, de primeira geração, que em seus trabalhos propõem vários enunciados, de maneira a nos dar pistas. Apanhamos e seguimos suas flechas, uma continuação de pesquisas, atualizações e re-composições em suas obras, destinadas para novos sentidos em outros campos que os próprios sequer, anunciam, mas, que desafiam a nós, os atuais pesquisadores, a deslocar seus pensamentos sobre outros focos e pensar outras validades, outras apropriações, enfim fertilizá-los em outros espaços e tempo. A esse movimento Deleuze chama desterritorialização e reterritorialização.

“Diante de um pântano, em que as sangues-sugas vampiros se alimentam dos livros dos outros podemos inferir que, seguindo para jusante, existe um ribeiro, que alimentando o pântano, a montante, conduzirá sem dúvida a origem mais pura e sem parasitas. O arqueólogo, o historiador, o latinista erudito, o cartógrafo, o filólogo, procuram sempre as mesmas fontes. A horrível massa de livros revela e esconde o rio e as suas origens: Gosto de dizer que as fontes seduzem os sábios porque estão libertas dos sábios!”(SERRES, 1990. p.68)

Minha primeira aproximação dos pensamentos filosóficos de Deleuze aconteceu em decorrência da necessidade de análise de roteiros fílmicos e televisivos e seus métodos de construção de narrativa, que a didática dos manuais propunha. Deleuze contestava a utilização e re-utilização de um material oriundo de uma estruturação do drama dado por Aristóteles, feitas na maioria das vezes por meio de diversas abordagens do assunto onde tive acesso. Essas abordagens se repetiam tanto, que me provocavam, quanto à reprodução desses ensinamentos, ou sua revisão, um questionamento de tal método. Analisando algumas obras, percebi que muitas, e dentre essas algumas bastante relevantes por serem cânones artísticos, e, dentre esses, ainda muitos visivelmente iniciadores de estéticas reconhecidamente férteis, permitiam ser vistos dentro de um conceito que fundamentava parte da obra desses autores: O conceito deleuziano de rizoma.

Em um filme pode haver formatações em que as cenas se comportam da mesma forma. Um construto, uma cartografia onde a intenção, o assunto do filme se apresenta

nesse todo. O conceito de imagicidade, que significa *o filme que está dentro do filme*, é significativo para percebermos a profundidade que, nesse sentido, o filme nos permite observar: Há um copião do filme que foi rodado. Dele se extrai o filme, através da montagem mostra o que é audiovisual, o virtual do audiovisual, o virtual sendo tudo aquilo que é, todas as suas potências que se atualizam, ou não. Suas imagens que compõem um todo fílmico, do qual fazem parte, filmes dentro de um filme. Assim como uma determinada narrativa dentro de um filme, Aristotélico ou não, pelo filme operar com cenas que dizem o filme, há um sentido rizomático na construção do audiovisual. Uma cartilha, um mapeamento, uma amostragem

Se pensarmos em uma função rizomática, na construção da linguagem audiovisual, encontraremos vários pontos de conexão: cenas, obras, linguagens e cineastas que fazem parte desse rizoma. Então, quem cria o filme? O que é criação? A idéia de autor do filme, nesse ponto de vista, se torna a de um atualizador. E vertendo para construir e transbordar o conceito de híbrido, pretendo trabalhar com o conceito deleuziano de figura e decalque. A figura é representada como um traço no nosso rizoma, algo que propõe caminhos novos, técnicas ou estéticos, ou ambos, que é mais comum. O decalque por sua vez é uma desterritorialização desse traço, dessa marca, que se coloca em outro tempo, heterocronicamente, contextualizando nesse novo espaço tempos diferentes, ou ainda, somente heterocronicamente, colocando em diálogo coisas de espaços distintos, ou de ambas as formas que é mais comum.

Quando Foucault nos fala desse mapa, nos propõe a pensar no conhecimento, pois idéias podem ser, ou não, decalcadas. Uma ao lado da outra, como continuação ou em um outro ponto qualquer do rizoma. Inclusive em outras artes ou ciências, mostrando possibilidades múltiplas de decalque, desterritorializações e territorializações. Por isso, se afastarmos o olhar da linguagem do filme, toda arte pode ser vista, cartografada, olhando, do alto, todo o conhecimento humano. E dessa altura Foucault nos propõe a pensarmos em um solo arqueológico. Onde as peças para a atualização das máquinas de audiovisualidades estão disponíveis, para atualizarem-se como invenção.

O híbrido, analisando a questão nesse ponto de vista, começa a ter uma dimensão paralisante, pois como resultado desse processo tudo se tornaria um híbrido, tudo estaria

figurado nessa dimensão cartográfica. Proponho que o híbrido seja entendido como um estado do decalque, onde seja perceptiva a presença de duas figuras de naturezas distintas.

Todo o decalque tende a se tornar uma figura. A tensão sobre uma arte, fazendo que ela opere em outra lógica, em outra máquina como aconteceu com o filme na televisão, a natureza do experimento é repetir-se, renovar-se, o que leva pouco-a-pouco a ir mestiçando-se até formar uma nova figura, um novo sem parença com o original. Produções que fazem surgir novos gêneros, como novelas, minisséries, filmes de televisão, etc. O audiovisual, dentro da rede Internet, é um gênero que recebe decalques audiovisuais do cinema, da tv e de onde mais vierem. Porém tende a se tornar um gênero. Que já apresenta algumas características bastante visíveis.

As possibilidades técnicas e as características físicas dos objetos que permitem a recepção dos audiovisuais influenciam sua linguagem e utilização. As primeiras características da mídia audiovisual Internet, que podemos ver são essas influenciadas pela estrutura física. Por exemplo, o tamanho da tela é fundamento de várias opções de enquadramento e ritmo no filme que já fazem uma identificação de um novo gênero. Porém quero, antes de falar nesse novo gênero, falar do audiovisual como um todo, como um corpo audiovisual. Partindo do conceito de corpo cinematográfico, proposto a partir da obra de Foucault, está tudo o que faz parte da dinâmica do cinema. Os objetos, tela, cadeira, os sujeitos, espectadores e realizadores, e o ambiente da recepção, no caso a sala de cinema. E esse corpo tem memórias que ligam todos esses elementos em um corpo comum. Esse corpo se transforma por suas experiências, toma decisões e se faz inventivo através de suas intuições.

Se pensarmos então nessa idéia de corpo audiovisual, do qual a Internet faz parte como uma mídia, e pensarmos nas experiências que os espectadores têm com ela. Observaremos uma expansão de memória, o repertório se amplia e afeta as intuições que produzem o movimento do corpo. Voltando para a reportagem da revista temos a visão dessa nova mídia propondo outros movimentos ao corpo audiovisual. Nos dias de hoje é quase impossível nos imaginar fora desse corpo audiovisual por nossa relação de espectadores. Agora, diante dessa nova mídia, parece que ouvimos, de dentro dela e muito

perto de nós uma pergunta que tensiona nossas relações com o audiovisual; - O que pode um corpo?

A revista em questão nos alerta para uma vida audiovisual. O corpo está em movimento. A tecnologia aproxima o virtual e o atual do audiovisual, porque amplia suas formas de vida. A atividade que estamos vendo do audiovisual nas mídias atualizadas pelo computador é intensa, e é a partir dessa atividade que todo o corpo audiovisual é posto em movimento. A forma do corpo se modifica e se amplia. E dentro dele, surgem outras possibilidades de manejos e de fertilização de apropriação. A vida, entendida nos termos de Bérghson: como modo de estar, se multiplicou.

“A duração, a Vida, é de direito memória, é de direito consciência, e de direito liberdade. De direito significa virtualmente. A questão de fato (quid facti?) está em saber em que condições a duração torna-se de fato consciência de si, como a vida tem acesso atualmente a uma memória e uma liberdade de fato.” (DELEUZE, 1999c Bergsionismo 86.)

A revista anuncia que 10% dos vídeos disponibilizados pelo site, são realizados por profissionais da imagem, essa aproximação que se consuma em toque, em afecção direta entre dois elementos que constituem um só corpo, o realizador e o espectador.

O que está promovendo o movimento conduz à forma do corpo, passando a produtores, atualizadores do audiovisual. O vídeo na Internet transforma o paradigma da televisão, o que nela ela se faz pela criação das imagens, na Internet se faz pela manipulação das imagens. Na Internet, a tarefa de produção está diluída no próprio consumo da audiovisualidade. O movimento de corpo audiovisual tem novas intenções e outra intuição.

A intimidade com a televisão e o cinema, com a sociedade e os indivíduos nos pontua pela uma competência de agir diante da possibilidade técnica de utilização desses aparelhos para gerar atualizações de vários tipos de audiovisual. O tempo de convívio com o audiovisual está sendo dividido, ou ampliado por outras formas de estar. Estamos assistindo, produzindo, copiando e programando um fluxo de atualização do audiovisual.

Ver as audiovisualidades na Internet ou na televisão, é estar no corpo audiovisual, e nesse estão vários corpos que agem individualmente. A ação individual está posta no movimento. As possibilidades de acesso geram em uns o movimento de realização, e em

outros, a apatia, em alguns inconformismos pela discriminação do acesso, e, todas essas ações fazem parte do movimento. A não representação de alguns grupos sociais, pode ser uma forte marca de tensão do movimento o que pode marcar o corpo que se expande, deixar vestígios do que pode ser a forma do corpo quando essa tensão for afrouxada.

Temos pela rede muitos materiais audiovisuais, também na tv e no cinema alternativos que nos apontam outras formas de atualização do virtual audiovisual. E na sua virtualidade estas outras formas de atualidade em desuso, como é o caso de movimentos alternativos da história do cinema, vídeo arte e televisão que não tiveram seqüência, e, há filmes e formas que ainda estão por se atualizar, mas já estão contidos em imaginários discriminados. Os já incluídos nesse novo movimento do audiovisual dão algumas características, forma e atitude ao corpo, mas a virtualidade pode ser vista, talvez, sobre uma névoa desse tempo, e ocultar de certa forma, a direção do movimento.

Materiais retirados da Internet, ou de núcleos de cinema alternativo, influenciam o audiovisual em certo sentido. Nesses desaguadouros, de produção audiovisual, encontramos atualizações oriundas de, principalmente, dois perfis de realizadores; (1) pessoas que tem acesso incomum a equipamentos e “programas tecnológicos”, (2) jovens que tenham excessivo tempo livre e possibilidades financeiras de se ocuparem com questões abstratas, sem ter um esforço particular para isso.

Em tais grupos há a possibilidade e o risco de ao ser considerado implícito ou explícito, incorporados, discursos e linguagens secundárias na corporeidade do audiovisual. Por serem dominadores da cena na inauguração de um espaço audiovisual, como o da Internet, estar potencializando um tipo de uso dessa possibilidade que se afasta de outras possibilidades em devir. Um gênero se formou nesse sentido, a relação de troca de tradução do que é audiovisual das atualidades, tv e cinema, formando um híbrido, já mesteçado, como um novo suporte. Sendo esse, então, considerados já como um “novo/novo” por caracterizar, uma nova mídia; a Internet.

“De dois elementos ou movimentos de desterritorialização, o mais rápido não é forçosamente o mais intenso ou o mais desterritorializado. A intensidade de desterritorialização não deve ser confundida com a velocidade de movimento ou de desenvolvimento. De forma que o mais rápido conecta sua intensidade com a intensidade do mais lento, a qual, em quanta intensidade, não o sucede, mas trabalha

simultaneamente sobre um outro estrato ou sobre um outro plano.” (DELEUZE, 1999b,p 41)

Essa nova mídia pode estar sendo profundamente afetada por esses interessados e instrumentos a produzir. Características essas, relevantes em dois aspectos, dissimulados nesses fazeres; (1) um discurso de especialistas na lida com as máquinas, que pode propor, brandamente, uma supervalorização desses conhecimentos e práticas, sobre outros conhecimentos, mais sociais e humanistas, e de técnicas de trabalho menos instrumentais para a produção audiovisual, (2) limitações de temas, por estilos de vida com dificuldades, limitadas, em certos aspectos comuns, aos que têm o acesso às máquinas tecnológicas facilitado por seu meio social, que não é majoritário. Já há certa pluralidade nesses rostos que surgem nos audiovisuais pelas redes. Mas a pluralidade dos indivíduos que ainda estão por se representarem será um outro híbrido, ainda por figurar como atualização no audiovisual.

Se aceitarmos essa consideração histórica do acesso à produção audiovisual que compõe uma nova mídia, a Internet, e quisermos pensar em um híbrido formal das diferentes mídias que compõem o audiovisual, encontraremos algumas características já rígidas, próprias da atualização audiovisual no gênero internet. *“O discurso manifesto seria, afinal de contas, apenas a presença depressiva do que ele não diz; e esse não dito seria um vazio que anima do interior tudo o que se diz.” (Foucault. 2000. p. 91)* Se pensarmos que todo decalque, tem dois sentidos de movimento: (1) paralisia e infertilidade, ou, (2) fluxo e fertilidade, como o que acontece com a Internet como mídia audiovisual, e, constatarmos que todo decalque tem o binarismo fértil-infértil em si, o produto comum de uma mídia qualquer, repetindo-se, mostrando-se como uma tendência como a que acontece na Internet hoje, pela apropriação dos recursos discursivos na mão de grupos específicos, não há hibridismo na linguagem que reconhecemos já, como, “coisa da internet”, atualizada, mas um hibridismo, por vir no virtual. Assim como as apropriações ditas hiperealistas da TV ou do cinema, já mostram novas figuras, territorializadas potentes para novos decalques. E por motivos de recortar conceitos, retiro o sentido de “híbrido” e penso em um outro conceito, o qual chamarei de “mestiço ou misturado”. Deixando o híbrido para o que for decalque, e ainda apresenta o velho e o novo, como duas figuras presentes. E ao

mestiço, aquilo que tiver um processo de desterritorialização reterritorializada, formando um gênero nas mídias, seja o cinema, ou a Internet.

Para reconhecer tais potências, sobre essa conceituação recortada do híbrido, proponho uma busca nas experimentações, algo de inaugural, que mostre o processo de aderência da tecnologia e tenha em seu recorte o conhecimento semi-especializado dos audiovisuais que nos acompanham dia-a-dia e a reterritorialização dos mundos extraídos deles para um outro mundo audiovisual que surge dessa nova ordem de contato. Considerando que já há um espaço de fala para os grupos acima citados, buscar outros núcleos de produção, que comecem a apontar outras atualizações, outros mundos audiovisuais, como possibilidade para pesquisas que busquem decalques novos para velhas figuras. Nessas produções, pensar na Internet como uma nova moldura do audiovisual, que hospeda moldurações múltiplas “-oferecem o mapa onde se produzem os devires de audiovisualidades que se querem estudar e evidenciam os processos semióticos como recriação formal e infinita da matéria.”(SILVA, 2006. p11) . Se pensarmos na televisão como moldura, reconheceremos que ela opera de forma diferente do que a Internet, como moldura nova do audiovisual. A televisão realiza um fluxo de moldurações controlados pelo domínio de produção e exibição. A moldura Internet opera com fluxo de entradas e saídas, ficando responsável por dar acesso à moldurações de várias fontes, e permitindo outras moldurações através de montagens de fluxos audiovisuais aos quais as companhias que operam na rede dão passagem, organizadas de diferentes formas, velocidade e intenções.

Profissionais de áreas distintas, com diferentes idades e oriundos de diferentes perfis econômicos e que tenham pouca ou nenhuma experiência na área, têm hoje, virtualmente, acesso à tecnologia que permite a atualização do audiovisual. A Internet representa nesse sentido um espaço de entradas e saídas dessas produções, virtualmente infinito. A imagem de um muro branco infinito é então o espaço para a atualização do audiovisual. Nessa imagem de infinito compõem-se, buracos negros, e através deles, temos contatos com alteridades do audiovisual, e incorporamos por eles, nossa própria diferença como marca.

O tempo de experiência audiovisual que os indivíduos têm praticado, interfere, somam e direcionam movimentos e formas para o corpo audiovisual. Os meios de interação que temos diante das máquinas, operam na virtualidade do audiovisual. Pois: (1) Há uma dimensão das audiovisualidades que está anterior à atualização das máquinas de audiovisulidade, pois sua presença se faz também fora dos meios reconhecidamente audiovisuais, como um devir audiovisual. Essa visão sustentada nas teorias de Eisentein, Bérqson e Deleuze, potencializam uma importância no sentido de devires de culturas ainda por vir. Se existe uma presença audiovisual que independe de atualizações midiáticas para se fazer presente, há implicações invisível-visíveis no corpo audiovisual. (2) As mídias e os gêneros específicos de audiovisualidades operam como tendência para hibridações, decalques que potencializam figuras para além da audiovisualidade. Promovendo uma reação em cadeia que movimenta, por tecnologias, por estratégias de utilização tecnológicas para o discurso, por estratégias econômicas e por meios de circulação e consumo. (3) A dimensão das linguagens audiovisuais que sejam pertencentes a uma das gramáticas audiovisuais reconhecidas, ou opere fora delas, representam construtos audiovisuais singulares para entre vermos expressões e significações da experiência do mundo no corpo audiovisual.

Tendo em vista essas três dimensões de horizonte, queremos chamar atenção para a reflexão que a reportagem da revista fez; Como as tvs e a google podem lidar com os materiais audiovisuais da Internet. Poderia e sem chamar atenção, estar ainda se perguntando, como executar propriamente audiovisuais para Internet. Reside aí um paradigma essencialmente distinto, por outro lado sugere a existência de um outro ângulo dessa reflexão. Um cidadão, diante de sua janela, percebendo ao seu redor um imenso muro branco, experimenta exaustivamente a recepção de audiovisuais, se autoriza a zapear e a programar para si um fluxo audiovisual, entra e sai de molduras de programação, escolhendo distintos mundos audiovisuais. Aprende a gramática de leitura do audiovisual e se percebe como potência de se decalcar a si mesmo no muro branco, através de seu próprio buraco negro sugerir outro mundo.

Gostaríamos de retornar para a questão da figura e do decalque, para refletir sobre esses mundos audiovisuais. Decalques de mundos, híbridos em gêneros e formatos midiáticos, figuras que apresentam novos-antigos, formatos de mundos audiovisuais, têm

todos, os atualizados e esquecidos e os ainda não atualizados, uma potência de marca nesse corpo, movimento audiovisual.

“Há por tanto duas memórias, ou dois aspectos de memória, indissolivelmente ligados, a memória-lembrança e a memória-contração. (se perguntarmos finalmente, pela razão dessa dualidade na duração, nos a encontraremos sem dívida em um movimento... pelo qual o “presente” que dura se divide a cada “instante” em duas direções, uma orientada e dilatada em direção ao passado, a outra contraída, contraindo-se em direção ao futuro.” (DELEUZE, 1999 .p. 39)

Uma dupla função do devir audiovisual, fértil-infértil, que o expande imediatamente ou potencializa uma outra expansão de forma heterotópica e heterocrônica. Um movimento, uma vida, espontânea, voluntária, uma dança que pode mudar de ritmo e sentido em cada tempo de sua música. Como a dança de Shiva, que expande criando e contrai destruindo, como um corpo sem órgãos, que dentro de um caos realiza funções de vida e sobrevive, respirando com o que vê, ouvindo quando fala, falando quando parece estar apenas prostrado em estado de escuta e consumo.

Bibliografia

ARTAUD, Antonin. Linguagem e Vida. Ed. Perspectivas. São Paulo. 2004

BERTOTTO, Lisete. A Exclusão Branda do Homossexual no Ambiente Escolar. Ed. e Gráfica da UFRGS. Porto Alegre. 2003

DELEUZE, Gilles. Ed. 34. Conversações. São Paulo. 1992.

DELEUZE, Gilles. Bergsionismo. Ed. 34. São Paulo. 1999

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. Mil Platôs 3. Ed. 34. São Paulo. 1999b

FOUCAULT, Michel. Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamentos. Ditos e Escritos II.

SERRES, Michel. O Terceiro Instruído. Ed. François. Lisboa.1990

SILVA, Alexandre. Devires da Imagem-Música. Artigo Digitado do curso de semiótica da Unisinos. 2006.